



Língua Portuguesa IV

Autora
Mariangela Rios de Oliveira

2009

048 Oliveira, Mariangela Rios de. / Língua Portuguesa IV /
Mariangela Rios de Oliveira. — Curitiba : IESDE Brasil
S.A. , 2009.
148 p.

ISBN: 978-85-7638-963-7

1. Língua portuguesa – Sintaxe. 2. Descrição e análise lingüística.
3. Paráfrase. 4. Palavras e expressões. I. Título.

CDD 469.5



Ad. Maiora Semper!

Todos os direitos reservados.

IESDE Brasil S.A.

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1.482 • Batel

80730-200 • Curitiba • PR

www.iesde.com.br

Sumário

Sintaxe: definição e objeto | 7

O que é sintaxe? | 7

O objeto da sintaxe: o sintagma | 10

Frase, oração e período | 19

Definição e classificação de frase | 19

Estrutura oracional | 22

Conceito e função do período | 23

Termos essenciais: sujeito | 31

Sujeito: termo essencial? | 31

Definindo sujeito | 32

Tipos de sujeito | 35

Termos essenciais: predicado | 43

Predicado: função e forma | 43

Tipos de predicado | 44

Termos integrantes: complementos verbais | 51

O conceito de “termo integrante” | 51

Tipos de complemento verbal | 52

Termos integrantes: complemento nominal | 63

O conceito de “complemento nominal” | 63

Representações | 64

Funções sintáticas integradas | 65

Complemento ou adjunto? | 67

Termos acessórios: adjunto adnominal | 73

Função acessória e hierarquia oracional | 73

Formas de expressão | 74

Papéis semânticos | 76

Termos acessórios: adjunto adverbial | 81

Duas funções: complemento e adjunto adverbial | 81

A função “adjunto adverbial” | 82

Expressão e ordem | 84

Classificação | 85

Aposto e vocativo: funções sintáticas oracionais? | 93

Relações sintáticas e relações textuais | 93

Aposto – termo mais que acessório | 94

Vocativo – termo “isolado” | 98

Vozes verbais | 103

Voz ativa | 103

Voz passiva | 105

Funções sintáticas e relações textuais | 113

Informatividade | 113

Seqüências tipológicas | 115

Paráfrase | 123

Conceito e características | 123

Usos parafrásticos | 125

Gabarito | 133

Referências | 143

Apresentação

Neste livro, em 12 aulas, tratamos de um dos mais fundamentais níveis de análise gramatical da língua portuguesa – a sintaxe do período simples. Partimos da abordagem mais geral para a mais específica, na descrição e análise dos termos da oração. Procuramos vincular a perspectiva da tradição gramatical com outra perspectiva mais ampla, de viés funcional ou textual.

Assim orientados, começamos pela própria discussão sobre a definição de sintaxe, debruçando-nos sobre sua unidade básica – o sintagma, identificando suas características e tipos. A seguir, ainda numa abordagem mais genérica, tratamos das correspondências e distinções entre frase, oração e período.

Para o tratamento das várias funções oracionais, pautamo-nos na tradicional distinção entre papéis essenciais, complementares e acessórios. Observamos o que essa tríade tem de coerente e em que aspectos também apresenta-se problemática. Além do que preconizam os compêndios de gramática e lingüística, interessa-nos, nessa abordagem, levar em conta a questão da freqüência de uso, com base na consideração de que algumas práticas ou membros de uma categoria são mais produtivos e regulares do que outros. Consideramos que, para a comunidade lingüística, nem todos os membros de uma mesma categoria sintática têm igual visibilidade, representatividade ou *status*.

No tratamento das categorias acima referido, analisamos por último e separadamente duas funções que extrapolam o nível oracional – o aposto e o vocativo. Esses papéis, entendidos como usos motivados por fatores pragmáticos, são analisados em termos de efeito de sentido que sua articulação provoca.

As três vozes verbais do português – ativa, passiva e reflexiva – são trabalhadas também em capítulo específico, com base em suas distinções semântico-sintáticas e a partir de seu variado índice de ocorrência.

No penúltimo capítulo, as funções sintáticas oracionais são tratadas com base no viés discursivo. O foco deste capítulo é a abordagem articulada entre pontos gramaticais e relações textuais, na demonstração de



como a análise de um nível gramatical, como o sintático, pode concorrer para a apreensão dos sentidos em elaboração na dimensão textual. Assim, questões como informatividade e organização interna de seqüências tipológicas são trabalhadas em sua vinculação com a organização sintática dos termos da oração.

Por fim, este livro apresenta um capítulo dedicado à paráfrase, uma estratégia de reformulação que concorre para imprimir aos textos a unidade de sentido e de forma que devem manifestar. Tal estratégia é compreendida como processo constitutivo dos textos em geral, sejam eles literários ou não, capaz de concorrer para o equilíbrio entre velhos e novos informes.

Esperamos, assim, que este livro seja um relevante instrumento para todos aqueles que se debruçam sobre a descrição e a análise da língua portuguesa. Cremos que, com base nas informações e reflexões aqui trazidas, seja possível a compreensão maior da nossa língua materna, não somente no que concerne à organização sintática do período simples, mas sim à articulação geral dos sentidos e sua expressão formal.



Sintaxe: definição e objeto

Mariangela Rios de Oliveira*

Neste capítulo vamos definir o que é *sintaxe*, delimitar seu objeto e tratar do *sintagma*, a unidade sintática básica. De modo mais específico, examinaremos o conceito, os tipos, os usos e as características do sintagma. Esse é um momento muito importante, em que estaremos trabalhando com um dos níveis de análise lingüística fundamentais para a descrição e a interpretação da língua portuguesa – o sintático.

O que é sintaxe?

Para as pessoas, de um modo geral, que já foram ou são estudantes, lidar com a sintaxe resume-se em classificar termos da oração e períodos, na tentativa de fixação de uma série de rótulos e regras sem maior reflexão e aplicabilidade no trato diário. Aliás, muitas pensam que só há aulas de português quando se faz a tradicional “análise sintática”, por anos repetida e poucas vezes compreendida.

Na verdade, a sintaxe é algo bem mais simples e fundamental em nosso cotidiano com a língua portuguesa. Trata-se de um dos níveis da gramática da língua. Partimos do conceito de gramática como o conjunto das regras e convenções que nos permitem fazer entender e entendermos uns aos outros. Além da fonética e da fonologia, que lidam com a realização sonora e sua representação gráfica, e da morfologia, que trata das classes de palavra e sua estrutura, as convenções lingüísticas do português incluem a *sintaxe*, ou seja, a parte da gramática que nos permite produzir e interpretar as frases da língua, inclusive aquelas que jamais havíamos ouvido, lido ou pronunciado, conforme se encontra em Azeredo (1995).

Para melhor entendermos do que estamos falando, vamos tomar dois provérbios de nossa língua, duas “frases feitas” que circulam tradicionalmente em nosso país:

(1) *De grão em grão a galinha enche o papo.*

(2) *Águas passadas não movem moinhos.*

* Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Língua Portuguesa pela UFRJ. Licenciada e bacharel em Letras – Português/Literaturas pela UFRJ.

Para compreendermos os provérbios citados, precisamos entender a ordem e a hierarquia em que estão organizados. Assim, no primeiro provérbio, temos o modo da ação verbal (*de grão em grão*), depois o termo sobre o qual se faz a declaração (*a galinha*), seguido do comentário sobre esse ser (*enche o papo*). No segundo provérbio, surge em primeiro lugar o termo sobre o qual se declara (*águas passadas*), acompanhado imediatamente do comentário negativo (*não movem moinhos*). Via de regra, colocamos nas primeiras posições os constituintes mais importantes ou relevantes para nossos fins comunicativos, reservando as últimas posições para informações mais periféricas ou subsidiárias.

Essa capacidade de compreensão se dá no nível sintático, ou seja, no plano da ordenação dos constituintes. Para chegarmos a tal habilidade de construir e interpretar as frases do português, precisamos apenas estar “mergulhados” em nossa comunidade lingüística, interagirmos uns com os outros e, assim, de modo quase automático, desenvolvermos essa capacidade fundamental para falar, escrever e compreender nosso idioma.

Para enfatizarmos como a ordem das palavras é fundamental no português, observemos as duas frases abaixo:

(3) *João seguiu Pedro na rua.*

(4) *Pedro seguiu João na rua.*

Enquanto (3) nos informa que João praticou a ação de seguir Pedro, a frase (4) nos diz justamente o contrário – que foi Pedro quem seguiu João. Ora, a alteração de sentido na comparação de (3) e (4) ocorre justamente por causa da alteração na ordenação dos constituintes na estrutura da frase, ou seja, por causa da mudança sintática. Em (3), *João* aparece em posição inicial e é o agente da ação de *seguir*, que, por sua vez, incide sobre o alvo *Pedro*. Já em (4), a troca posicional dos nomes *João* e *Pedro* leva à troca de função desses constituintes, fazendo com que *Pedro* seja o agente, aquele que pratica a ação de seguir *João*, este que passa agora a ser o alvo da ação. Ambas as frases são finalizadas com a informação adicional sobre o local da perseguição (*na rua*), que, assim como *de grão em grão*, em (1), atua como um adendo, um informe adicional sobre a circunstância da ação.

As frases de que até agora tratamos – (1), (2), (3) e (4) – ilustram também a ordenação padrão em língua portuguesa, a sintaxe preferencial usada para interpretar e produzir frases: sujeito (S) + verbo (V) + complemento (C), ou simplesmente SVC. Isso significa que tendemos a considerar, em princípio, os nomes iniciais como agentes da ação verbal e os finais como os alvos, os pacientes atingidos pela ação dos primeiros. As informações sobre circunstâncias da ação (modo, meio, tempo, lugar, entre outras) costumam se ordenar após o verbo, como papéis secundários ou adjuntos. Assim, do ponto de vista sintático, temos a seguinte organização estrutural das frases até aqui vistas:

De grão em grão (a galinha) (enche) (o papo).

adjunto S V C

(Águas passadas) (não movem) (moinhos).

S V C

(João) (seguiu) (Pedro) na rua.

S V C adjunto

(Pedro) (seguiu) (João) na rua.

S V C adjunto

Evidentemente, essa ordenação SVC pode sofrer alterações, acréscimos, intercalações, enfim, uma série de modificações para atender a necessidades comunicativas. Assim, por exemplo, observamos que em (1) a frase não se inicia pelo sujeito, mas pelo modo da ação do sujeito (*de grão em grão*). No uso padrão ou mais “neutro”, essa informação estaria ao final da frase, após o verbo e seu complemento, fechando a declaração, como um tipo de adendo, como ocorre em (3) e (4), mas se usarmos essa estratégia em (1) teríamos a seguinte ordenação:

(5) *A galinha enche o papo de grão em grão.*

Será que alguém usaria assim o provérbio? Já ouvimos ou lemos um registro como esse? Parece muito pouco provável. Embora (5) esteja gramaticalmente “correta”, porque dispõe os constituintes na ordem padrão (SVC + circunstância de modo) e articula sentido capaz de ser interpretado por qualquer usuário do português, podemos dizer, sem dúvida, que é inadequada do ponto de vista discursivo ou textual. Se pensarmos que os provérbios são sínteses ou máximas da conduta humana, poderemos justificar a antecipação do adjunto *de grão em grão* como uma estratégia gramatical, operada no nível sintático, motivada por fatores discursivos. Essa estratégia visa pôr em relevo justamente o ponto mais importante que se deve destacar no provérbio – o modo como devemos agir na vida: de forma contínua e perseverante (*de grão em grão*). Tal antecipação, portanto, destaca a maneira pela qual devem agir as pessoas, o que faz com que a informação sobre o modo apareça em primeiro lugar.

Assim, podemos dizer que, embora a sintaxe da língua portuguesa não seja totalmente rígida, permitindo algumas alterações posicionais ou intercalações, entre outros procedimentos, as mudanças operadas na ordenação padrão (SVC + adjunto) provocam efeitos discursivos distintos, constituindo, portanto, outros modos de dizer e de comunicar. Observemos como ficariam (3) e (4) com algumas mudanças sintáticas:

(6) *Na rua, João seguiu Pedro.*

(7) *Pedro, na rua, seguiu João.*

Em (6), o adjunto *na rua* encontra-se em posição inicial, destacando o local percorrido por *João* (S) para seguir *Pedro* (C). A frase (6), ainda que tenha correspondência com (3), distingue-se desta pela ênfase dada ao espaço onde ocorre a ação.

Já em (7) temos um outro tipo de efeito de sentido, criado pela intercalação do adjunto *na rua*, que se situa entre *Pedro* (S) e *seguiu* (V). Nessa frase, tanto o sujeito como o local são salientados, ilustrando um terceiro tipo de arranjo sintático a partir de uma mesma ordenação padrão.

Ainda poderíamos organizar uma outra sintaxe, de frequência provavelmente menor na língua, mas ainda possível do ponto de vista estritamente gramatical:

(8) *Pedro seguiu, na rua, João.*

A pouca probabilidade de ocorrência da frase (8) deve-se ao fato de o adjunto *na rua* promover a ruptura do V *seguiu* e de seu C *João*, ocasionando um tipo de organização sintática mais raro na língua, haja vista a grande proximidade estrutural e integração conceitual que costumam caracterizar o verbo e seu complemento. Aliás, não é por outro motivo que a tradição gramatical rotula essa composição de V e C de *predicado*, no entendimento de que se trata de um todo, em termos de forma e de sentido.

Na modalidade escrita, quando ocorrem alterações na organização sintática padrão, pode-se usar a pontuação para marcar antecipações ou intercalações de constituintes. Por isso, nas frases (6), (7) e (8), utilizamos a vírgula para acentuar a ruptura de sentido e de forma. Esse recurso constitui mais um pro-

cedimento de destaque do adjunto *na rua*. Pelo mesmo motivo, o provérbio expresso em (1) também poderia ter o adjunto *de grão em grão* separado por vírgula, constituindo uma outra estratégia de ênfase. Dizemos apenas que “poderia” porque não estamos tratando de uma regra, de um procedimento obrigatório. O que vai fazer com que se use ou não a vírgula nessa e em outras situações similares é a necessidade comunicativa, o efeito pretendido. Dessa forma, quanto maior a intenção ou a necessidade de destacar ou enfatizar a circunstância expressa, maior a motivação para o uso da vírgula como marcação de pausa, de ruptura no nível sintático (estrutural) e no nível semântico (significativo). Por outro lado, constituintes muito vinculados não devem ser separados por pausa, daí porque não devemos usar vírgula quando lidamos com a sintaxe padrão SVC + adjunto, tal como ocorre em (2), (3) e (4).

A partir das considerações apresentadas até agora, voltamos à pergunta inicial: *o que é sintaxe?* Diante dos aspectos expostos e discutidos, podemos elaborar uma segunda definição, mais específica e precisa, para essa nossa unidade de estudo: sintaxe é a parte da gramática que descreve e interpreta a ordenação e a combinação hierárquica dos constituintes nas frases de uma língua.

O objeto da sintaxe: o sintagma

Com base na definição anterior, podemos identificar agora o objeto da sintaxe, ou seja, o elemento básico sobre o qual se debruça a descrição e a análise sintática. Se observarmos com mais cuidado os comentários feitos com base nas frases de (1) a (8) anteriormente apresentadas, verificaremos que a sintaxe não lida com fonemas e sílabas, como a fonologia, nem com vocábulos e afixos, como a morfologia, mas com unidades maiores, arranjos de um ou mais constituintes, em geral dispostos hierarquicamente, na composição de *sintagmas*. Esses são, de fato, os objetos da sintaxe.

Caracterização

Em geral, o sintagma é formado por dois ou mais “elementos consecutivos, um dos quais é o *determinado* (principal) e o outro o *determinante* (subordinado)” (KURY, 1986, p. 9). Assim, a concepção do sintagma é mais ampla do que a do vocábulo e mais restrita do que a da frase, situando-se em posição intermediária entre essas duas dimensões. Retomemos o exemplo (1) para ilustrar nosso comentário:

(1) *De grão em grão / a galinha / enche [o papo].*

Em (1), usamos barras para separar os três sintagmas que formam o provérbio. Podemos verificar que as separações coincidem com funções já referidas na seção 1. Assim, o sintagma inicial *de grão em grão* atua como expressão do modo; o seguinte, *a galinha*, codifica o sujeito, enquanto o último, *enche o papo*, funciona como predicado, formado pelo verbo e seu complemento.

Em termos de hierarquia interna, podemos dizer que dois desses sintagmas se articulam por subordinação, como tende a ocorrer nessas formações. No sintagma *a galinha*, o primeiro termo é o determinante, enquanto o segundo, o substantivo *galinha*, é o determinado. No sintagma *enche o papo*, temos o verbo como elemento principal ou determinado, seguido de seu complemento, *o papo*, na função de determinante. Este último sintagma possui ainda uma outra hierarquia interna, marcada aqui por

colchetes, já que o complemento *o papo* também constitui um sintagma, em que o nome *papo* representa o elemento determinado e o artigo definido *o* atua como determinante.

Já o sintagma *de grão em grão* não apresenta hierarquia entre seus constituintes, uma vez que as duas ocorrências de *grão* situam-se no mesmo nível, ou seja, são correspondentes. Esse modo de organização, embora mais raro, pode ser encontrado basicamente na formação de construções compostas, em torno da partícula aditiva *e*, como em *a galinha e o pato* ou *o papo e o estômago*, por exemplo. Quando assim acontece, dizemos que se trata de relações “horizontais”, desprovidas de hierarquia, enquanto a subordinação estabelece relações “verticais”, em que um dos constituintes funciona como elemento principal ou determinado.

Propriedades

Para que uma unidade seja considerada um sintagma, deve preencher alguns requisitos básicos, em termos de mobilidade, posição e organização interna. Tais requisitos constituem, portanto, critérios para a definição e a delimitação de sintagmas. Conforme Azeredo (1995, p. 32/33), são três as “peculiaridades distribucionais” dos sintagmas:

Deslocamento

O sintagma se desloca na frase como um todo, para posições iniciais, mediais ou finais, não admitindo movimento de apenas um ou de alguns de seus constituintes. Assim, por exemplo, na frase (2), abaixo retomada, os deslocamentos somente são possíveis quando realizados por sintagmas completos:

- (2) *Águas passadas / não movem [moinhos].*
- (9) *Não movem [moinhos] / águas passadas.*
- (10) *[Moinhos] não movem / águas passadas.*
- (11) *[Moinhos] águas passadas / não movem.*
- (12) *Águas passadas [moinhos] / não movem.*

As frases ilustradas de (9) a (12) constituem outras possíveis ordenações a partir de (2), cuja sintaxe segue o padrão mais regular (SVC), de acordo com o que vimos na primeira seção. Conforme podemos observar, em que pese a variedade de estruturação dessas frases, os deslocamentos ocorrem com a preservação dos sintagmas *águas passadas* e *não movem*, que se movimentam “em bloco”. Tal como verificado em (1) com *o papo*, também em (2) temos a possibilidade de lidar com o complemento *moinhos* considerado com um sintagma interno ao predicado, num nível hierárquico mais baixo que este; por essa razão, admitimos, ainda que com probabilidade de ocorrência muito restrita, o deslocamento de *moinhos* na frase.

Um outro aspecto semântico-sintático revelado pela propriedade do deslocamento é que, além do movimento no interior da frase ser feito pelo sintagma na íntegra, constatamos a fixação interna da ordem dos constituintes sintagmáticos. Assim, por exemplo, além de *águas passadas* somente poder se reordenar em bloco, não podemos alterar a ordem de seus constituintes internos, como em *passadas águas*, sob pena de estarmos construindo um novo sintagma, distinto do original na forma e no conteúdo; o mesmo se pode dizer em relação a *não movem*. O comentário vale ainda para (1), em que *de grão em grão* e *a galinha* constituem sintagmas de ordenação fixa. Tal característica ratifica a interpretação do sintagma como o verdadeiro objeto da sintaxe.

Substituição

O sintagma é uma estrutura de sentido e de forma, então pode ser substituído por uma unidade simples, como um pronome ou sinônimo. Para ilustrar essa propriedade, vejamos novamente a frase (3) e as possibilidades de substituição de seus constituintes sintagmáticos, sugeridas em (13):

(3) *João / seguiu [Pedro] / na rua.*

(13) *Ele / seguiu-o / lá.*

Por intermédio de pronomes, realizam-se três substituições nos sintagmas de (3): o pronome reto *ele* ocupa o lugar de *João*; o pronome oblíquo *o* substitui *Pedro* e *na rua* dá lugar ao locativo adverbial *lá*. Na verdade, as operações de substituição do tipo pronominal, como a que apresentamos em (13), requerem, para o entendimento do conteúdo veiculado, o auxílio ao contexto discursivo, a fim de que se estabeleçam as relações textuais, principalmente as anafóricas, necessárias à identificação dos referentes indicados por *ele*, *o* e *lá*. Em outras palavras, a frase (13) está fortemente vinculada ao contexto de sua produção, de tal modo que, para sabermos o conteúdo de *ele*, *o* e *lá*, devemos recorrer ao contexto maior em que a frase está inserida.

Nos procedimentos de substituição em (2), devemos destacar ainda o fato de *Pedro*, como sintagma de nível hierárquico mais baixo, constituinte de sintagma mais amplo, admitir a substituição. Tal fenômeno comprova sua relativa autonomia em relação a *seguiu* (V).

Coordenação

O sintagma admite a interposição de um conectivo coordenativo entre seus constituintes, de modo a se estabelecer equivalência funcional, ou coordenação, desses elementos. Essa operação desfaz uma das marcas mais características do sintagma – a hierarquização. Retomemos (3) e, a seguir, vejamos como o processo de coordenação pode fornecer pistas para a identificação de sintagmas:

(3) *João / seguiu [Pedro] / na rua.*

(14) *João e Marcos / viram e seguiram [Pedro e José] na rua e no viaduto.*

A frase (14) ilustra um tipo de “expansão” de (3) por intermédio da coordenação articulada no interior dos sintagmas. Assim, dizemos que as funções sintáticas cumpridas pelos constituintes *João*, *seguiu*, *Pedro* e *na rua* em (3) se apresentam, em (14), sob forma dos respectivos compostos *João e Marcos*, *viram e seguiram*, *Pedro e José*, *na rua e no viaduto*. O fato de esse teste ser possível em quatro ocasiões indica que temos, em (3), quatro sintagmas.

Portanto, o deslocamento, a substituição e a coordenação constituem não só as propriedades do sintagma como também procedimentos que podemos e devemos utilizar para identificar e distinguir, numa frase qualquer da língua portuguesa, suas unidades sintáticas fundamentais – os sintagmas.

Classificação

De acordo com Azeredo (1995, p. 43), são cinco os tipos de sintagma que podemos identificar no português. Tal classificação depende da composição interna dessas unidades. Trataremos, a seguir, de cada uma delas:

Sintagma Nominal (SN)

Como o nome já indica, esse tipo de sintagma tem como determinado, ou núcleo, um substantivo comum, que poderá estar acompanhado de determinantes. Os determinantes que costumam anteceder o núcleo do SN são basicamente artigos e pronomes (demonstrativos, indefinidos, possessivos, entre outros); os determinantes que sucedem o núcleo do SN são nomeados mais especificamente de “modificadores” e cumprem a tarefa de qualificar o núcleo referido. Em geral, os determinantes de um SN organizam-se também em sintagmas, subordinados ao núcleo do SN. Hierarquicamente, portanto, o substantivo tem o principal papel no SN, enquanto os demais constituintes cumprem função secundária.

Nas frases já vistas, podemos levantar alguns exemplos de SN, como *a galinha* e *o papo*, em (1), em que o determinante precede o núcleo nominal, e *águas passadas*, em (2), no qual o determinante modificador *passadas* sucede o núcleo *águas*.

Algumas funções sintáticas são cumpridas específica e exclusivamente por SN, como sujeito (*a galinha*; *águas passadas*); em outras construções, o SN é objeto direto (*o papo*) e integra um sintagma maior, como o predicado ou sintagma verbal.

Sintagma Verbal (SV)

Trata-se de uma unidade caracterizada pela presença obrigatória do verbo. Essa unidade tem a função sintática específica de “predicado”. Em geral, o SV é constituído por outros sintagmas, que atuam como determinantes dentro do SV.

Nas frases de (2) e (3) aqui tratadas, podemos identificar, respectivamente, os seguintes sintagmas verbais, que atuam como predicado: *não movem moinhos* (2) e *segiu Pedro na rua* (3).

Como mencionamos nas unidades exemplificadas no parágrafo anterior, *moinhos*, *Pedro* e *na rua* cumprem função secundária, como determinantes do SV. No cumprimento dessa função periférica, esses constituintes se organizam internamente também como sintagmas. É justamente por esse motivo que é possível proceder aos exercícios de deslocamento, substituição e coordenação dessas unidades, pois, embora participem de uma estrutura maior, dentro do SV, encontram-se aí internamente organizadas também como sintagmas, mesmo em nível mais baixo de importância.

Sintagma Adjetivo (SAdj)

Nesse tipo de sintagma, o núcleo ou determinado é um adjetivo, que pode estar acompanhado de determinante, como artigo, pronome ou numeral, por exemplo.

Na hierarquia que caracteriza as relações sintagmáticas, o SAdj participa da organização do SN, como parte periférica deste, atuando na condição de estratégia qualificadora. Por qualificar o núcleo do SN que precede ou sucede na organização da frase, o SAdj concorda em gênero e número com esse núcleo.

De acordo com a sintaxe mais regular da língua portuguesa, o SAdj tende a se colocar após o núcleo do SN, no que chamamos “ordenação canônica”. Numa outra alternativa, mais rara e desencadeadora de efeitos de sentido específicos, o SAdj pode aparecer à frente do núcleo do SN. Em geral, a vinculação entre esse núcleo e o SAdj é tão forte que não se admite alteração nas posições desses constituintes.

Podemos ilustrar a referida vinculação com o SN *águas passadas*, em (2), em que *passadas* (SAdj), também no feminino e no plural, concorda com o núcleo *águas*, funcionando como seu determinante. Seria possível dizermos *passadas águas*? Talvez sim, mas essa possibilidade seria pouco provável. Ademais, a anteposição do SAdj *passadas* criaria alguma alteração de sentido. *Águas passadas* são águas que passaram, correspondentes a *antigas*, por exemplo; por outro lado, *passadas águas* destaca o valor verbal do particípio *passadas*, que poderia ser traduzido por *quando* (ou *se*) as *águas passarem*. Consideração semelhante podemos fazer a partir de outros arranjos sintáticos correspondentes que temos em português, como *homem pobre / pobre homem, mulher grande / grande mulher, cão amigo / amigo cão* e assim por diante.

No caso específico do SAdj, em geral, a ordem canônica, após o núcleo do SN, tende a expressar conteúdo mais referencial e objetivo (*águas passadas, homem pobre, mulher grande, cão amigo*), enquanto a anteposição ao núcleo do SN cria efeitos mais subjetivos (*passadas águas, pobre homem, grande mulher, amigo cão*). Trata-se, portanto, não só de um problema de estruturação da frase, mas de conteúdos distintos. Esse pequeno teste demonstra como é forte a relação entre semântica e sintaxe, como o sentido veiculado é afetado pela ordenação dos constituintes.

Sintagma Adverbial (SAdv)

O sintagma adverbial, como o nome indica, tem como determinado um advérbio. Via de regra, o sentido veiculado pelo SAdv incide sobre o verbo da frase. Dessa forma, assim como o SAdj se subordina ao núcleo do SN, o SAdv se subordina ao núcleo do SV. Ambos – SAdj e SAdv – ocupam posições e articulam sentidos subsidiários nos sintagmas maiores que integram.

O SAdv funciona na expressão de uma série de circunstâncias referentes à ação verbal, como o local, o tempo, o modo, o meio, a intensidade, entre outras de menor frequência. Devido a seu caráter marginal, o lugar canônico do SAdv na frase é na parte final, após o núcleo do SV e seus complementos.

Tomemos a frase (3) como exemplo. Podemos, por um processo de “expansão” de sentido e de forma, ampliá-la com a posposição de uma série de SAdv, que vão concorrer para a expressão de variados matizes da ação verbal:

(3) *João seguiu Pedro na rua.*

(15) *João seguiu Pedro na rua atentamente ontem.*

Em (15), o que fizemos foi, ao final da frase, justapor mais duas circunstâncias ao ato praticado por João, respectivamente, o modo (*atentamente*) e o tempo (*ontem*). Essa série de três constituintes pode ser interpretada com um só SAdv, composto por três núcleos, ou ainda, com base nas distintas circunstâncias articuladas, podemos admitir que cada qual representa um SAdv específico.

Quando enfatizamos o conteúdo expresso pelo SAdv numa frase, o sintagma passa a ocupar posição inicial ou intermediária. Na modalidade oral, essa antecipação ou intercalação é acompanhada por pausa; na escrita, costumamos usar vírgula para tal marcação. Com base em (15), são muitas as possibilidades de (re)ordenação dos SAdv, vamos ilustrar apenas duas:

(16) *Atentamente, João seguiu Pedro na rua ontem.*

(17) *Ontem, João seguiu Pedro na rua atentamente.*

O que motiva a ordem dos sintagmas em (16) e (17) é o tipo de destaque que se faz ou não das circunstâncias expressas. Em (16), enfatiza-se o modo da ação; em (17), o tempo. Como já referimos anteriormente, não estamos discutindo acerca de arranjos sintáticos “certos” ou “errados”, mas tratando da adequação das frases, e suas diversas opções de ordenação, às condições de produção dos textos que produzimos no uso lingüístico cotidiano.

Sintagma Preposicional (SPrep)

Também chamado de *sintagma preposicionado*, esse tipo de unidade é constituída a partir de dois arranjos distintos: preposição + SN ou preposição + SAdv. Tal como o SAdj e o SAdv, o SPrep ocupa posição hierárquica inferior em relação ao SN e ao SV, uma vez que funciona como determinante, ou subordinado, destas unidades maiores.

Ao lado do núcleo do SN e do núcleo do SV, o SPrep pode constituir um complemento ou um adendo a esse núcleo, assumindo funções atributivas ou circunstancias, entre outras. Como são diversas as preposições e sua freqüência é grande, os SPrep constituem um tipo de unidade muito usada na sintaxe do português.

Em (1), a unidade inicial *de grão em grão* é um SPrep de valor adverbial; em (3) e (4), o SPrep *na rua* também atua com função adverbial.

No interior do predicado, o SPrep tende a complementar determinados verbos, como por exemplo *gostar* e *precisar*, que requerem a posposição de unidades do tipo *de chocolate* e *de dinheiro*, respectivamente.

Texto complementar

(AZEREDO, 1995, p. 9-10)

As pessoas falam geralmente sua língua nativa, nas situações cotidianas, com a mesma naturalidade com que respiram, vêem, andam; e assim como não estão interessadas em saber como seu corpo funciona naquelas tarefas, também não costumam se deter no exame dos movimentos que executam para produzir os sons das palavras, nem tampouco na observação do que acontece com as palavras quando elas se combinam nos enunciados. A linguagem, porém, é muito mais do que articular sons e combinar palavras; além de ter uma estrutura extraordinariamente complexa que envolve sons, palavras e frases, seu uso nas múltiplas situações reflete condicionamentos psicológicos, sociais e culturais. Por outro lado, o ato de dizer/escrever se dá em um contexto que inclui ouvinte/leitor, assunto, tempo, espaço. Quem diz/escreve normalmente o faz buscando a comunicação e só excepcional ou maldosamente evitando-a. O ouvinte/leitor é, por conseguinte, tão decisivo para o caráter do discurso quanto quem o produz. Nem tudo o que o enunciado deixa ou faz entender se acha explícito nele; parte de seu sentido já está no conhecimento do interlocutor (informação implícita/implicada) ou constitui um dado prévio qualquer no conhecimento do interlocutor (informação pressuposta).

Parafrazeando Reyes (1984), pode-se dizer que o locutor não só “diz”, como “cita”, e ao fazê-lo, não só ressuscita outras experiências discursivas, como suscita sentidos.

Comparadas às formas de comunicação animal, por exemplo, as línguas se revelam extraordinariamente ricas em recursos. Seria possível enumerar as mensagens que um cão, um pássaro, uma abelha são capazes de emitir; mas é impossível fazer o mesmo com os recursos de expressão verbal do homem. A memória humana pode arquivar uma certa quantidade de frases diferentes, mesmo sem ter em vista semelhanças estruturais entre elas, assim como se decoram as letras das músicas. Mas as frases de uma língua, aquelas que uma pessoa está apta a produzir e entender em sua língua, não são catalogáveis, porque infinitas tanto em número como, teoricamente, em extensão. As palavras, sim, podem ser listadas em dicionários e mesmo assim muitas se criam ou se modificam por aí, na fala espontânea, nos textos de toda espécie, sem que cheguem a figurar em registros lexicográficos.

A cada instante pode-se estar pronunciando uma frase nova. Afinal, ninguém pode garantir que a frase que inicia este parágrafo e a que estou escrevendo agora não são inéditas. Eu não as tinha memorizadas, muito menos o leitor, e, apesar disso, não houve qualquer dificuldade para produzi-las e entendê-las. Nós não aprendemos o significado de cada uma das frases possíveis como se nada tivessem em comum umas com as outras. Todas elas, aceitas como estruturas da língua pelos usuários, se criam graças a um sistema de unidades – sons, palavras, afixos, acentos – e regras que as combinam.

A sintaxe – numa definição provisória, visto que ambiciosa – é a parte desse sistema que permite criar e interpretar frases. A sintaxe do português, por exemplo, compreende as regras que tanto tornam possíveis enunciados banais como “Hoje é domingo” ou “Que dia é hoje”, ou excêntricos, como “Napoleão temia que as tartarugas desovassem no seu imponente chapéu”, quanto impedem seqüências como “Que dia serem hoje?” ou “Seu imponente temia as que chapéu desovassem Napoleão tartarugas no”.

Estudos lingüísticos

1. Com base na definição de *sintaxe – parte da gramática que descreve e interpreta a ordenação e a combinação hierárquica dos constituintes nas frases de uma língua* – apresentada neste capítulo, responda por quê:
 - a) É possível compreender a frase proposta por Azeredo (1995), no texto complementar, “Napoleão temia que as tartarugas desovassem no seu imponente chapéu”.

- b)** Está cancelada a possibilidade de ocorrência da ordenação “Seu imponente temia as que chapéu desovassem Napoleão tartarugas no”.

- 2.** Divida os provérbios a seguir em sintagmas, classificando sua função em sujeito (S), verbo (V), complemento (C) ou adjunto:

- a)** *A união faz a força.*

- b)** *De noite todos os gatos são pardos.*

- 3.** Observe o provérbio a seguir, já separado por sintagmas.

Gato escaldado / tem [medo] / de água fria.

Agora, vamos testar, a partir das propriedades do sintagma apresentadas neste capítulo, se, de fato, estamos diante de três sintagmas. Para tanto, você deverá rearrumar os sintagmas, criando três novas ordenações, que ilustrem cada uma das seguintes propriedades:

- a)** Deslocamento:

- b)** Substituição:

- c)** Coordenação:

Gabarito

Sintaxe: definição e objeto

1. A frase (a), embora tenha um sentido meio “excêntrico”, nas palavras de Azeredo (1995), está de acordo com a sintaxe do português, apresentando o sujeito (Napoleão), seguido do verbo (temia), de seu complemento (que as tartarugas desovassem) e do adjunto locativo (no seu imponente chapéu). Os sintagmas encontram-se aí bem formados e essa ordenação padrão permite que os usuários do português atribuam sentido à frase, mesmo que esse sentido seja um pouco estranho. Em (b) não podemos sequer falar em “frase”, uma vez que os constituintes não se encontram organizada e hierarquicamente ordenados; assim, se não há sintagmas, não há sintaxe, não há uma ordenação capaz de fazer sentido.
2.
 - a) A união / faz [a força].
S V C
 - b) De noite / todos os gatos / são [pardos].
adjunto S V C
3. Algumas sugestões:
 - a) Deslocamento:
Tem medo de água fria gato escaldado.
De água fria tem medo gato escaldado.
 - b) Substituição:
Ele tem medo de água fria.
Gato escaldado tem medo dela.

c) Coordenação:

Gato esquentado e esperto tem medo de água fria.

Gato esquentado tem medo e pânico de água fria.

4.

Teus sinais (SN)

Me confundem **da cabeça aos pés** (SPrep)

Mas **por dentro** (SPrep) eu **te devoro** (SV)

Teu olhar (SN)

Não me diz exato (SV) quem tu és

Mesmo assim eu te devoro